

A REIFICAÇÃO DO CORPO E SEUS IMPACTOS NO PROCESSO EDUCATIVO.

Tadeu João Ribeiro Baptista
DEFD/UCG; ESEFFEGO/UEG
Comunicação
Cultura e processos educacionais

O corpo tem sido continuamente reificado dentro das relações sociais, perdendo a sua humanidade, e sendo convertido em coisa. Desse modo, opera-se na atualidade um processo de educação do corpo, atuante em diferentes espaços, que são responsáveis por um dado modelo educativo. O objetivo do texto é discutir como a teoria da reificação elaborada por Lukács contribui para compreender a constituição do corpo e conseqüentemente o seu processo de educação. Destarte, elabora-se como problema: Como a reificação do corpo na atualidade tem contribuído para o processo de educação do corpo? Destarte, o texto discute no primeiro momento a reificação a partir de Lukács, depois, analisa algumas contribuições da educação neste processo e, finalmente, apresenta algumas possibilidades de reflexão sobre o tema em uma nova perspectiva.

Palavras-Chave: reificação; corpo; educação.

Não é de hoje que o corpo tem sido reificado e usado, refletido e analisado a partir de suas relações sociais. Este tema faz parte da literatura há algum tempo, como pode ser verificado no livro de Silva (2001), para citar um exemplo apenas e para configurar as relações presentes no corpo de maneira mais específica.

Apesar disso, a obra mencionada não estabelece um debate direto com a obra de Lukács, principalmente o texto “A reificação e a consciência do proletariado” (LUKÁCS, 2003), onde o autor discute a concepção da reificação da classe trabalhadora e os seus impactos na vida das pessoas. Desse modo, o objetivo central desse trabalho é discutir como a teoria da reificação elaborada por Lukács, contribui para compreender a constituição do corpo no processo educativo. Destarte, elabora-se como problema: Como a reificação do corpo na atualidade tem contribuído para o processo de educação do corpo? Não se pode, contudo, esquecer o fato de que a atualidade se configura dentro do modo de produção capitalista e, continua apresentando as mesmas leis gerais.

Este texto de caráter teórico se apóia na coleta de dados de caráter bibliográfico, pois como define Medeiros (2006, p. 54), a “[...] pesquisa bibliográfica busca dar resposta ao problema formulado, a partir da análise de produções de outros autores”.

Para melhor desenvolver o tema proposto, o texto a seguir será dividido em duas partes. A primeira terá como foco, discutir a teoria da reificação com base na discussão de Lukács (2003). Na segunda, será colocada em foco a educação como construtora de um corpo reificado na atualidade. Finalmente, nas considerações finais, serão discutidas as possibilidades de transformação do quadro atual.

1. A Reificação na concepção de Lukács.

A reificação não é um tema novo na literatura e muito menos nova, ou ainda, exclusividade do debate realizado por Georg Lukács. O tema da reificação é anunciado por Marx (1996) no século XIX, quando o mesmo trata da relação presente entre os trabalhadores e os seus produtos. O autor assim se expressa a respeito do tema:

Objetos de uso se tornam mercadorias apenas por serem produtos de trabalhos privados, exercidos independentemente uns dos outros. O complexo desses trabalhos

privados forma um trabalho social total. Como os produtores somente entram em contato social mediante a troca de seus produtos de trabalho, as características especificamente sociais de seus trabalhos privados só aparecem dentro dessa troca. [...] Por isso, aos últimos aparecem as relações sociais entre seus trabalhos privados como o que são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, senão como relações reificadas entre as pessoas e relações sociais entre coisas. (MARX, 1996, p. 199) (Grifo nosso)

De acordo com Marx (1996), a reificação das pessoas se constitui pelo fato de as mesmas se objetivarem nas mercadorias produzidas por elas, mas em uma relação dada entre coisas. Em outras palavras, quando o ser humano perde a capacidade de se subjetivar em seu trabalho, a sua objetivação ocorre de maneira alienada. Isso desencadeia uma seqüência de eventos iniciados na perda do produto, vendida ao capitalista, passando pela perda de controle do processo, perdendo conseqüentemente a si mesmo como humano e assim convertendo-se em uma coisa – apêndice da máquina – e, finalmente perdendo a capacidade de reconhecer o outro como humano (MARX, 2002).

Quando este autor anuncia o processo de alienação ele acaba por demonstrar o primeiro elemento responsável pela construção do ser humano enquanto coisa. A alienação é um dos fundamentos responsáveis pela constituição da reificação, haja vista, a sua incapacidade de subjetivação.

Mas ao produzir mercadorias, o proletário enquanto vendedor de sua força de sua força de trabalho será convertido também em uma mercadoria, portanto, coisa de valor fantasmagórico possuidora de fetiche. Esse tema desenvolvido por Marx (1996) facilita a compreensão da reificação, pois, de acordo com Goldman (1979) e Resende (1992), a reificação depende do processo de alienação e do fetichismo da mercadoria simultaneamente. A relação do fetichismo da mercadoria com a reificação é apresentada por Baptista (2007). O autor comenta:

Essa transformação do trabalhador em coisa, conseqüentemente em mercadoria fetichizada com um valor fantasmagórico a ser consumido no processo produtivo, no qual se elabora a sua parcialidade. [...] É onde as suas características se assemelham à de um instrumento de produção qualquer, inclusive com uma determinada vida útil, ao fim da qual deverá ser substituída como outra mercadoria qualquer. [...] Coisificar o homem é condição necessária para a produção e reprodução do capital, pois o ser humano não consegue se ver mais em sua condição de humanidade, mas em sua condição de coisa, conectando-se com outras coisas, mesmo tendo a condição de produzi-las. Isso faz sentido ao se compreender a reificação como processo de se converter o homem em uma coisa, uma mercadoria produtora de outras mercadorias. (BAPTISTA, 2007, p. 76)

As análises realizadas até aqui, tem como objetivo central criar as bases para apresentar a compreensão de Lukács a respeito da reificação. A reificação se manifesta pela relação do trabalhador com a sua própria atividade produtiva, porquanto, “[...] o homem é confrontado com sua própria atividade, com seu próprio trabalho como algo objetivo, independente dele e que o domina por leis próprias que lhe são estranhas” (LUKÁCS, 2003, p. 199). Essas leis estranhas ao trabalhador são constituídas pelo modo de produção capitalista, e as suas leis gerais, não são, grosso modo, compreendidas pelo trabalhador, porquanto, ele não detém o controle do processo produtivo. Dessa maneira, o processo da reificação pode ser compreendido de acordo com Lukács em duas dimensões, uma objetiva e outra subjetiva.

Do ponto de vista objetivo, Lukács (2003) diz:

Objetivamente, quando surge um mundo de coisas (o mundo das mercadorias e de sua circulação no mercado), cujas leis, embora se tornem gradualmente conhecidas

pelos homens, mesmo nesse caso se lhes opõem como poderes intransponíveis, que se exercem a partir de si mesmos. O indivíduo pode, portanto, utilizar seu conhecimento sobre essas leis a seu favor, sem que lhe seja dado exercer, mesmo nesse caso, uma influência transformadora sobre o processo real por meio de sua atividade. (LUKÁCS, 2003, p. 199)

O mundo das coisas, conforme comentado pelo autor está diretamente relacionada à construção das leis sociais determinadas pela produção das necessidades básicas. Em outras palavras, atender a produção das necessidades básicas implica considerar como determinante o modo de produção capitalista. Compreender as suas leis é fundamental, para superar as suas condições, mas para isso, será necessário transformar as condições apresentadas por esta forma de organização social da produção.

Contudo, além das condições objetivas, há influências da reificação também sobre as condições subjetivas. Sobre este aspecto comenta:

[...] quando a atividade do homem se objetiva em relação a ele, torna-se uma mercadoria que é submetida à objetividade estranha aos homens, de leis sociais naturais, e deve executar seus movimentos de maneira tão independentes dos homens como qualquer bem destinado à satisfação de necessidades que se tornou artigo de consumo. (LUKÁCS, 2003, p. 199-200)

Sobre esta passagem comenta Baptista (2007, p. 78):

Dentro dessa perspectiva de relações sociais objetivas, encontram-se as diferentes determinações colocadas nas relações de trabalho de duas maneiras bastante específicas. De um lado, postas de maneira fragmentada, desenvolvendo atividades de trabalho repetitivas e mecânicas, responsáveis pela própria coisificação do homem. Por outro lado, estas relações são calculáveis dentro da racionalização e da mecanização constituídas pelo próprio capitalismo e sua forma de organização da produção.

Nessa perspectiva, a constituição da reificação se manifesta do ponto de vista objetivo e subjetivo na determinação das mercadorias que se equivalem entre si abstratamente. Isso significa não haver possibilidade, por parte do trabalhador, de se compreender claramente, as leis sob as quais ele está submetido.

Tanto do ponto de vista objetivo quanto do ponto de vista subjetivo, é mister compreender a equivalência existente entre as mercadorias. Tanto o trabalhador como os produtos elaborados por ele, possuem, por fetiche o mesmo valor, da mesma forma, dois objetos distintos poderiam possuir o mesmo preço da hora de trabalho de qualquer pessoa, ou seja, ao fim e ao cabo, todas as mercadorias se equivalem. Este é outro ponto demonstrado por Lukács (2003).

[...] o princípio de sua igualdade formal só pode ser fundado em sua essência como produto do trabalho humano abstrato (portanto, formalmente igual). Subjetivamente, essa igualdade formal do trabalho humano abstrato não é somente o denominador comum ao qual os diferentes objetos são reduzidos na relação mercantil, mas torna-se também o princípio real do processo efetivo de produção de mercadorias. (LUKÁCS, 2003, p. 200)

Essa igualdade formal constituída pela lógica da mecanização industrial, apoiada na racionalidade instrumental elimina as qualidades do ser humano em todas as classes sociais (Idem). A subjetividade de cada um já está construída de maneira pronta e acabada neste modo de produção. A possibilidade de constituir qualquer possibilidade subjetiva desaparece face às características produtivas. Em uma sociedade sem reconhecimento quem realmente

produz, não pode levar a termo a consolidação de um outro ser humano, com condições reais de subjetivação. Em condições de repetição, mecanização, objetivação e racionalização o ser humano se vê invadido em sua alma por estes artifícios.

[...] essa mecanização racional penetra até na “alma” do trabalhador; inclusive suas qualidades psicológicas são separadas do conjunto de sua personalidade e são objetivadas em relação a esta última, para poderem ser integradas em sistemas especiais e racionais e reconduzidas ao conceito calculador. (LUKÁCS, 2003, p. 202)

Esse sistema calculador define a condição de demarcar o ser humano como carcaça do tempo, porquanto, o seu valor é determinado pela quantidade de trabalho e, conseqüentemente, de produção realizada por cada trabalhador. Este tempo é abstrato e desintegra mecanicamente a condição de cada sujeito.

Nesse ambiente em que o tempo é abstrato, minuciosamente mensurável e transformado em espaço físico, um ambiente que constitui, ao mesmo tempo, a condição e a conseqüência da produção especializada e fragmentada, no âmbito científico e mecânico, do objeto de trabalho, os sujeitos do trabalho devem ser igualmente fragmentados de modo racional. Por um lado, seu trabalho fragmentado e mecânico, ou seja, a objetivação de sua força de trabalho em relação ao conjunto de sua personalidade – que já era realizada pela venda dessa força de trabalho como mercadoria –, é transformado em realidade cotidiana durável e intransponível, de modo que, também nesse caso, a personalidade torna-se o espectador impotente de tudo o que ocorre com sua própria existência, parcela isolada e integrada a um sistema estranho”. Por outro lado, a desintegração mecânica do processo de produção também rompe os elos que, na produção “orgânica”, religavam a uma comunidade cada sujeito do trabalho. (LUKÁCS, 2003, p. 205)

A racionalidade instrumental, fundamento da reificação do ser humano leva à extrapolação da condição de alienação por uma objetivação intransponível do ponto de vista da organização da vida. Mas também, a desintegração humana produz cada um como condição, como coisa adequada para a produção. É possível inferir o fato de o ser humano não ser apenas um apêndice da máquina, mas, nas condições atuais, o próprio aparelho produtivo. Este instrumento que se vende para garantir o seu óleo, ou seja, o seu salário, pelo qual troca a sua condição de produtor. Porém,

Enquanto esse processo ainda é incipiente, os meios para extrair o excedente de trabalho são, por certo, ainda mais brutais e evidentes que nos estágios ulteriores e mais evoluídos, mas o processo de reificação do próprio trabalho e, portanto, também da consciência do operário são muito menos adiantados. (LUKÁCS, 2003, p. 207)

Quanto mais o modo de produção se desenvolve, menor é a condição humana de cada um. Ao invés de ela se desenvolver em direção à sua humanidade, esta se atrofia, em outras palavras, ele fica cada vez mais parcializado e fragmentado. Assim, “[...] todas as condições econômicas e sociais do nascimento do capitalismo moderno agem nesse sentido: substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais em que eram mais transparentes as relações humanas” (LUKÁCS, 2003, p. 207).

Mas um fator crucial em relação à reificação é o fato de a mesma invadir todas as esferas da vida humana e não apenas as dimensões econômicas e sociais, mas também à esfera intelectual. Sobre este fato comenta Goldman (1979):

O que nos interessa aqui é a modificação que o processo de reificação acarreta na natureza das relações entre infra e a superestrutura. No seu conjunto, o fenômeno é geral. O que designamos sob o termo *reificação* sendo em primeiro lugar o aparecimento na vida social dos *processos econômicos* enquanto *fenômenos autônomos* e, por isso mesmo, *meramente quantitativos*, sua primeira consequência é subtrair quase inteiramente esses fenômenos à ação da superestrutura, reforçando, ao contrário, sua ação sobre esta (GOLDMANN, 1979, p. 131). (Grifos do autor)

A relação entre a super e a infra-estrutura, a determinação dos processos econômicos de maneira autônoma se caracteriza apenas pelos aspectos quantitativos. Não há neste caso diferenças qualitativas no processo da reificação quando se considera a ação da superestrutura sobre a infra-estrutura. Desse modo, garante-se o controle sobre a maioria absoluta da população (GOLDMAN, 1979), tendo em vista o fato de a reificação ser um processo em pleno desenvolvimento nas condições sociais atuais.

Com o passar do tempo, porém, à medida em que a reificação foi fazendo progressos, a ruptura entre a realidade social e a busca do humano acentuou-se a tal ponto – pelo menos no mundo capitalista – que a expressão dessa busca teve de ceder lugar à simples constatação e descrição de uma realidade social reificada inumana e privada de significação. (GOLDMANN, 1979, p. 137).

Esta falta de significação da realidade social constitui um modelo de sociedade que não considera a unidade do sujeito, mas, acima de tudo o seu rompimento. “A reificação rompe a unidade entre o sujeito e o objeto, produtor e produto, espírito e matéria e o pensador apenas constata essa ruptura, tomando-a por um fenômeno fundamental e natural da vida humana” (GOLDMANN, 1979, p. 144). Com este rompimento a sociedade vê como normais as separações existentes entre sujeito e objeto, corpo e alma, razão e emoção, para dar apenas alguns exemplos. Assim, a reificação do ser humano considera normal a conversão do ser humano em uma máquina. Este fato se justifica de acordo com Lukács (2003) pelo fato dos seres humanos serem vistos como seres abstratos. Ou seja, ser abstrato significa aqui a incapacidade de compreender a sua dimensão complexa de ser humano, a sua essência, desse modo, como ele é reduzido à sua condição produtiva, e por isso, quantitativa, o ente se equivale a outros apenas por cálculos racionais que abstratamente equiparam todas as coisas.

Tornar as pessoas iguais significa igualar o seu trabalho e a sua capacidade produtiva, assim sendo, cada ser se individualiza ao invés de se individuar¹. Acontece então o processo de atomização do ser humano.

Essa atomização do indivíduo é, portanto, apenas o reflexo na consciência de que as “leis naturais” da produção capitalista abarcaram o conjunto das manifestações vitais da sociedade, de que – pela primeira vez na história – toda a sociedade está submetida, ou pelo menos tende, a um processo econômico uniforme, e de que o destino de todos os membros da sociedade é movido por leis também uniformes. (LUKÁCS, 2003, p. 208)

Estas leis de uniformização e de atomização do indivíduo são construídos socialmente pelas leis do modo de produção, as quais abarcam as manifestações da sociedade, por meio de um processo econômico homogêneo, que tem por característica homogeneizar também os membros da sociedade como um todo. Essa homogeneização será responsável, inclusive, pelo modelo idêntico de corpo característico da sociedade atual. O corpo como qualquer objeto desconfigura-se como algo individual.

¹ Para maiores detalhes ver Adorno e Horkheimer (1985).

Se, portanto, o próprio objeto particular que o homem enfrenta diretamente, enquanto produtor ou consumidor, é desfigurado em sua objetivação por seu caráter de mercadoria, é evidente que esse processo deve então intensificar-se na proporção em que as relações que o homem estabelece com os objetos enquanto objetos do processo vital em sua atividade social forem mediadas. (LUKÁCS, 2003, p. 210)

Não se deve esquecer o fato de as mediações às quais sujeitos e objetos estão submetidos dependem da sua condição de mercadoria, e esses objetos tornam-se então submetidos à lógica da própria produção, portanto, o sujeito se vê subsumido pela mercadoria produzida por ele, a qual, com vida própria, poder-se-ia tornar, inclusive mais importante que o próprio sujeito, se não fosse a condição de equiparação entre mercadorias, nesse caso, produtor e produto.

Destarte, sob as condições capitalistas, as determinações mercantis,

[...] aparecem na consciência do homem e da sociedade burguesa, como formas puras, verdadeiras e autênticas do capital. Para a consciência reificada, essas formas de capital se transformam necessariamente nos verdadeiros representantes da sua vida social, justamente porque nelas se esfumam, a ponto de se tornarem completamente imperceptíveis e irreconhecíveis, as relações dos homens entre si e com os objetos reais, destinados à satisfação real de suas necessidades. Tais relações são ocultas na relação mercantil imediata. (LUKÁCS, 2003, p. 211)

Torna-se assim, muito difícil considerar a vida do homem fora das condições de sua criação. As leis gerais na consciência reificada são imperceptíveis e irreconhecíveis de maneira tal, que as relações mercantis são encobertas pela condição imediata da vida. Aparentemente, os objetos, atendem apenas às necessidades centrais da vida humana, todavia, é a produção quem define quais são as necessidades básicas de cada um.

Sendo assim, para a consciência reificada, esta se torna, necessariamente, a forma de manifestação do seu próprio imediatismo, que ela, enquanto consciência reificada, não tenta superar. Ao contrário tal forma tenta estabelecer e eternizar esse imediatismo por meio de um “aprofundamento científico” dos sistemas de leis apreensíveis. Do mesmo modo que o sistema capitalista produz e reproduz a si mesmo econômica e incessantemente num nível mais elevado, a estrutura da reificação, no curso do desenvolvimento capitalista, penetra na consciência dos homens de maneira cada vez mais profunda, fatal e definitiva. (LUKÁCS, 2003, p. 211)

Logo, deve-se considerar que todo o processo de reificação se fundamenta na construção de um tipo de sociedade, a qual tem por pressuposto a equiparação do produtor a seu produto, tendo em vista o fato do segundo, em certo sentido se tornar mais importante que o primeiro, ou seja, a mercadoria desenvolve vida própria, enquanto o trabalhador atribui a sua existência à vida da mercadoria. Desse modo, de maneira sintética pode-se considerar o processo de reificação pautado em três aspectos centrais, sendo eles: a) perda do sentido da totalidade; b) progressiva racionalização e, finalmente, c) transformação da estrutura da consciência (RESENDE, 1992).

No primeiro, o indivíduo perde o sentido da totalidade, realizando análises apenas parciais, fragmentadas e, portanto, abstratas do ponto de vista de uma compreensão mais completa e complexa da realidade. No segundo aspecto, encontra-se então uma racionalização cada vez mais significativa do ponto de vista dos processos sociais, alcançando um nível de racionalidade instrumental, marcadamente quantitativo, o que acomete segundo o próprio Lukács (2003) todas as classes sociais, com diferenças apenas quantitativas e não qualitativas, ou seja, nas condições atuais, o capitalista está tão reificado quanto o próprio trabalhador ao qual contrata. Por fim, ocorre a transformação da estrutura da consciência, falando-se

efetivamente em uma consciência unitária para o conjunto da sociedade, pois, afeta o ser humano em sua totalidade.

Enfim, as estratégias para o desenvolvimento da reificação são variadas e acontecem com a utilização de vários meios e instrumentos desenvolvidos historicamente, sobretudo os últimos dois séculos. Todavia, o processo de reificação só pode efetivamente acontecer na consciência quando realizado através do corpo, e por isso, a educação é uma ferramenta fundamental na organização desse processo, aspecto a ser mais bem desenvolvido a seguir.

2. A Educação e a Reificação na Atualidade.

O processo educativo vem já há algum tempo, contribuindo muito mais para o processo de reificação do ser humano do que para a sua emancipação e autonomia. Ao se retomar Adorno (2000), em seu texto sobre a educação após Auschwitz, só se pode pensar em tal nível de barbárie se houver um total descaso pelo corpo e pela vida humana. Assim, se pode caracterizar um dado modelo de educação do corpo.

O corpo passa a impressão de ser considerado inclusive dentro de um dado projeto educativo por certas características quanto à sua competência, habilidades e porque não dizer forma. Estes aspectos devem, na realidade, ser quantificados. O corpo, como qualquer máquina, tem sua potência e seu volume mensurados, permitindo a detecção da sua composição corporal, além de outras características, cujas capacidades são apresentadas pela força de trabalho individual ou coletiva.

A quantificação dos objetos e o fato de serem determinados por categorias abstratas da reflexão manifesta-se na vida do trabalhador diretamente como um processo de abstração, **que se efetua nele próprio, que o separa de sua força de trabalho, obrigando-o a vendê-lo como uma mercadoria que lhe pertence.** Ao vender essa sua única mercadoria, e visto que ela é inseparável de sua pessoa física, **o trabalhador insere a si mesmo e a ela num processo parcial, produzido mecânica e racionalmente, que ele já descobriu pronto, acabado e funcionando sem ele, e no qual ele é inserido como mero número reduzido a uma quantidade abstrata, como um instrumento específico mecanizado e racionalizado.** (LUKÁCS, 2003, p. 336) (Grifo nosso)

Dessa forma, o corpo do trabalhador em sua condição de coisa perde completamente a sua vida, assim como a consciência do corpo torna-se parcial, fragmentada, dado à venda de sua força de trabalho. Por outro lado, a exploração do caráter físico do trabalhador e a exigência colocada sobre a capacidade de produção fazem do trabalhador nada além de máquina privilegiada no processo produtivo, por ser uma máquina pensante. Embora essas relações sejam ideologicamente subsumidas e estejam presentes apenas na essência do fato, do ponto de vista da aparência, os corpos adquirem um outro contexto relacionado à capacidade de aproveitamento da vida, ou seja, como diz Marx (2002, p. 114), o homem não se sente livre em suas funções produtivas, as quais deveriam representar a sua liberdade. Ele se sente livre nas suas condições mais animais.

Contudo, a lógica de produção e determinação da forma do corpo não se manifesta apenas na lógica produtiva. A forma do corpo é determinada como coisa trabalhadora e geradora de lucros. Para isso, é necessário lançar mão de instrumentos capazes de disseminar as idéias presentes na cultura elaborada e disseminada entre os membros desta sociedade. Assim, a lógica da instrumentalização de vários aspectos da vida não se desenvolve apenas da fabricação de produtos, mas em toda a organização da vida humana, sobretudo na educação.

Por isso, para Marx (2001, p. 49): “[...] não é preciso dizer que uma hora de um homem equivale à hora de outro homem mas, antes, que um homem de uma hora equivale a outro homem de uma hora. O tempo é tudo, **o homem não é nada; é quando muito a carcaça do tempo**” (Grifo nosso). Por isso, compreende-se o corpo como a carcaça, possuída pelo homem. A sua forma é estabelecida pela lógica do relógio, o qual define o seu valor. O estabelecimento do corpo como a carcaça do tempo é o exemplo de como os padrões estabelecidos pela sociedade e disseminados por diferentes áreas de conhecimento científico, sobretudo aquelas relacionadas às ciências biológicas, contribuem para a reificação e, assim, a quantificação do ser humano e de seu corpo. Destarte, boa parte desse ideário é disseminada dentro da própria educação que se faz na escola, embora, não apenas nela, mas também na mídia, como forma de citar alguns exemplos.

Destarte, as condições definidas para a educação do corpo atendem a esses interesses, possibilitando também a padronização de uma lógica instrumental adotada há algum tempo. Assim sendo, a educação do corpo constituída pelas bases da reificação, se insere nos diversos ambientes educativos, de tal forma a contaminar o ser humano em suas múltiplas dimensões.

Considerações Finais

Ao encaminhar as considerações finais devem-se destacar alguns pontos centrais. O primeiro deles, já foi abordado ao longo do texto, quando se tentou demonstrar o fato de a reificação alcançar todas as esferas da vida humana. Isso significa que na atualidade, a reificação não se dá apenas na dimensão da consciência, mas, sobretudo, na expressão material e espiritual do ser: o corpo.

Considerar a sua reificação implica identificar um processo educativo de múltiplas dimensões, o qual se aprofunda quando ele sai da esfera produtiva e alcança gradativamente as outras esferas da vida humana. Isso indica o fato de a reificação ser um processo educativo disseminado socialmente, através das mais variadas manifestações humanas. Ela se dá nas escolas, nos clubes, nos espaços de lazer, na mídia, no trabalho e inclusive nas relações pessoais, quando se privilegia a quantidade em detrimento da qualidade.

Este não é um processo fácil de ser interrompido, haja vista, as múltiplas dimensões nas quais ele se dá. A interrupção desse processo só pode acontecer quando houver a preocupação de se educar para a emancipação, educando o corpo da consciência e a consciência do corpo. Nessa perspectiva, mais uma vez, Adorno aponta:

[...] em todos os planos de nossa vida, e que portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência. [...] A consciência de todos em relação a essas questões poderia resultar dos termos de uma crítica imanente, já que nenhuma democracia normal poderia se dar ao luxo de se opor de maneira explícita a um tal esclarecimento. (ADORNO, 2000, p. 183). (Grifo do autor)

Enfim, trabalhar nesta perspectiva educativa em todos os espaços possíveis é insistir na postulação do filósofo frankfurtiano: “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação”, a qual deve estar comprometida com um outro mundo possível a todas as pessoas (ADORNO, 2000, p. 119).

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. **Educação do corpo**: produção e reprodução. Tese (Doutorado em Educação). Goiânia: UFG, 2007.
- GOLDMANN, Lucien. A reificação. In: GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp. 105-152.
- LUKÁCS, Georg. A Reificação e a Consciência do Proletariado. In: LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- _____. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996, v. 1. (Coleção Os Economistas).
- _____. **A miséria da filosofia**: resposta à filosofia da miséria de Proudhon (1847). São Paulo: Centauro, 2001.
- MEDEIROS, Mara. **Metodologia da pesquisa na iniciação científica**. Goiânia: E.V., 2006.
- RESENDE, Anita C. A. **Fetichismo e subjetividade**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1992.
- SILVA, Ana Márcia. **Corpo, Ciência e Mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Campinas/Florianópolis: Autores Associados/Editora da UFSC, 2001.